

FRANK COTTRELL BOYCE



Tradução
ANTÔNIO XERXENESKY

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © Macmillan Children's Books, Londres, Reino Unido, 2008

Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em 2008 pela Macmillan Children's Books,
uma divisão da Macmillan Publishers Limited.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Cosmic

IMAGENS DE CAPA E DE MIOLO Macmillan Children's Books,
Londres, Reino Unido, 2008

PREPARAÇÃO Laura Finisguerra

REVISÃO Juliane Kaori e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boyce, Frank Cottrell

Cósmico / Frank Cottrell Boyce ; tradução Antônio
Xerxenesky. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2012.

Título original: Cosmic.

ISBN 978-85-65765-03-9

1. Ficção — Literatura Juvenil I. Título.

12-10950

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com.br/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Um foguete com uma tripulação de cinco pessoas foi lançado ontem de uma base particular ao norte da China e está desaparecido. Boatos sobre uma missão espacial tripulada secreta tomaram conta da internet ainda ontem. Hoje, tanto a Nasa como a Agência Espacial Federal Russa confirmaram que um foguete foi lançado, mas garantiram que não têm nada a ver com o ocorrido. O foguete entrou em órbita e desapareceu no espaço sideral. Nenhum foguete tripulado saiu da órbita da Terra desde a *Apollo 17*, em 1972.

Não estou exatamente na região dos lagos

Mãe, pai... Se vocês estão ouvindo... Lembram que eu disse que ia ao Centro de Atividades da Região dos Lagos com o colégio?

Para ser completamente sincero, não estou exatamente na região dos lagos.

Para ser completamente sincero, estou mais, tipo, no espaço.

Estou em um foguete chamado *Possibilidade Infinita*, a mais ou menos trezentos e vinte mil quilômetros da superfície terrestre. Tá tudo... quase bem.

Sei que devo algumas explicações. Então lá vou eu.

Menti sobre minha idade.

Eu meio que dei a impressão de ter mais ou menos trinta anos. Na verdade, é óbvio que tenho treze. Ou vou ter, depois que fizer aniversário.

Para ser sincero, todos mentem sobre a idade. Pessoas mais velhas fingem ser mais novas. Adolescentes

fingem ser mais velhos. Crianças querem ser adultas. Adultos querem ser crianças.

E não foi muito difícil... Todos acham que sou mais velho do que realmente sou, só porque sou alto. Na Escola Joana d’Arc, os professores achavam que idade e altura eram a mesma coisa. Se você era mais alto que alguém, deveria ser mais velho também. Se fosse alto e fizesse algo errado, ouviria: “Um rapaz do seu tamanho deveria saber das coisas”.

Por quê?, eu pergunto. Por que alguém deveria saber alguma coisa só por causa do tamanho? O King Kong é um cara grande. Será que *ele* saberia onde ficava o banheiro no primeiro dia de aula? Se ninguém tivesse explicado? Duvido muito.



Enfim, algumas horas atrás, o *Possibilidade Infinita* deveria ter feito uma manobra rotineira, mas, simplificando, não fez. O foguete saiu de órbita, destruindo todo o equipamento de comunicação, e agora estou perdido no espaço.

Eu trouxe comigo este telefone celular porque tinha umas fotos de casa nele. Só que ele também tem um gravador. É isso que estou fazendo agora: gravando toda a história. A não ser que vocês recebam esta mensagem, não vão saber disso, porque estamos em uma missão se-

creta. Já fomos avisados de que, se algo der errado, vão negar qualquer conhecimento da missão. Ou de nós. Tem cinco pessoas a bordo. Os outros estão dormindo.

Dá para acreditar nisso? Estamos em um foguete, girando sem controle, em direção à eternidade, e o que os outros decidem fazer?

Tirar um cochilo.

Quando erramos por pouco a manobra — o suficiente para nos condenar — os outros gritaram por uma hora e depois caíram no sono.

Não consigo dormir. Acho os sacos de dormir desconfortáveis. São pequenos demais para mim.

Além disso, acho que, se eu ficar acordado, posso ter alguma ideia. E salvar todos nós. Por isso estou gravando tudo no meu Draxphone. Se eu conseguir voltar para casa, vou entregar o áudio e vocês vão entender como fui parar no espaço sideral se disse que só ia mergulhar numa lagoa.

Mas se você está escutando isso, e se não for minha mãe ou meu pai, provavelmente é um alienígena de cabeça pontuda e noventa patas com ventosas. Nesse caso, só posso dizer: “Olá, venho em paz. Se você tiver a tecnologia necessária para isso, por favor, mande este áudio para: sr. e sra. Digby, rua Glenarm Close 23, Liverpool, Inglaterra, Planeta Terra, Sistema Solar, Via Láctea etc. Se não for muito incômodo”.

Totalmente condenados

O que me deixa levemente preocupado é que estou até curtindo o momento. Estar condenado não é bom. Mas não ter peso é sensacional. Sempre que me curvo para a frente, dou um salto mortal perfeito. Quando estico meus braços, levito. Lá na Terra, minha única habilidade especial era ser melhor em matemática e mais alto que a média. Aqui em cima, tenho tantos talentos que sou praticamente um Power Ranger.

E tem as estrelas.

Na Terra, nossa casa ficava ao lado do shopping. Aquele prédio de vários andares tapava boa parte do céu. As únicas estrelas que eu tinha observado eram aquelas que brilhavam no escuro e vinham no móbile do sistema solar que eu tinha ganhado quando fiz nove anos. E eu só dava atenção àquelas porque elas sempre prendiam no meu cabelo. Móviles são péssimos presentes para pessoas altas.

As estrelas são muito diferentes quando vistas daqui de cima. Tem muito mais delas, só pra começar. Grandes redemoinhos e nuvens de estrelas, tão brilhantes que che-

gam a machucar os olhos. Quando você está no espaço, tem a impressão de que é o maior show de fogos de artifício do mundo — só que congelado. Até mesmo estando totalmente condenado é impossível não se impressionar.

A única coisa ruim dessa vista é que não dá para ver a Terra. Não vemos o planeta desde que saímos de órbita. Eu disse para os outros: “Bem, a Terra tem que estar por aí. A gente deve estar olhando para o lado errado. Vamos encontrá-la. Com certeza”. Mas isso não acalmou ninguém. Um membro da tripulação — Samson Two — desenhou um diagrama para provar que, mesmo se estivéssemos olhando para o lado errado, ainda deveríamos conseguir enxergar a Terra. Respondi: “Então, o que você está dizendo? Que caímos em um buraco negro mágico e saímos do outro lado do universo?”.

“Possivelmente.”

“Que a Terra simplesmente desapareceu? Sumiu?”

“Possivelmente.”

Daí todos gritaram até não poder mais e caíram no sono.

Pelo menos eles gastam menos oxigênio dormindo.

Tentei imaginar que há alguém do outro lado da linha. Alguém estranhamente silencioso. Também tentei ligar. Pensei que o sinal fosse melhor aqui em cima, já que estou próximo dos satélites. Mas não é assim que funciona.

Minha gravidade favorita

Não acho que o mundo desapareceu. Mas é um tanto preocupante não conseguir enxergá-lo. Afinal de contas, é no planeta Terra que guardo todas as minhas coisas. Pensar no que mais gosto — minha mãe, meu pai, meu quarto, meu computador — me deixa um pouco mais calmo. Tem o meu barco viking de Playmobil gigantesco que ocupa metade do quarto. Ou costumava ocupar. Guardei tudo na caixa no dia que descobri que tinham surgido pelos no meu rosto. Pensei que, se eu tinha barba — mesmo que fosse bastante rala —, estava muito velho para brincar de Playmobil.

Eu disse que *descobri* os pelos no meu rosto. Mas, para ser sincero, nunca tinha notado, pois usamos lâmpadas econômicas no banheiro. Foram outras pessoas que me mostraram, quando todos os alunos do sexto ano foram para a Terra Encantada.

O brinquedo mais famoso na Terra Encantada é o Cósmico. No caminho para lá, os garotos comentaram sem parar como era enorme e assustador. Todo

mundo tinha um irmão ou um primo que tinha andado nele e “nunca mais foi o mesmo”. Se você não sabe, o Cósmico é uma espécie de jaula de metal com dois assentos. Fica preso no alto de um guindaste enorme por umas faixas elásticas enormes. Eles puxam a jaula até ao chão com uma corrente e a prendem a um eletroímã. Você se senta e eles desligam o ímã. As faixas elásticas te catapultam para o alto e depois te puxam de volta para o chão. Então você salta para cima e para baixo por um tempo. Só é assustador por uns dez segundos, mas, para alguns, esses dez segundos são tão aterrorizantes que dizem que o cabelo do primo do Ben ficou completamente branco. E que o brinquedo é tão rápido que o estômago do primo do Joe se afrouxou e foi parar no pescoço, então ele teve que operar. Dizem que ele mostra a cicatriz e os pontos se você pedir.

Apesar desses problemas todos, todo mundo disse que queria andar no brinquedo. Só que, quando chegamos lá, descobrimos que exigiam uma altura mínima. Havia um marciano de madeira com o braço estendido e um balão de diálogo onde estava escrito: “Se você consegue passar por baixo do meu braço, não pode viajar no Cósmico”. Todos passaram tranquilamente por baixo do braço do marciano. Todos menos eu. Ele só batia no meu ombro. “Certo”, disse o sujeito. “Você pode.”

Viram o que eu disse sobre altura e idade? Há uma altura mínima, não uma idade mínima. Todo mundo reclamou, disseram que não era justo, comentando como era ruim ser criança e como queriam ser adultos. Foi o que disseram. Na verdade, todos ficaram bastante aliviados por não serem altos o bastante.

O sujeito que operava o brinquedo acrescentou: “Você precisa ir acompanhado. São dois ao mesmo tempo ou não tem viagem”.

Olhei para a srta. Hayes, nossa professora. Ela deu de ombros e perguntou: “Posso andar mesmo estando grávida?”.

“Não”, respondeu o sujeito, mas quase ninguém escutou, pois todos estavam empolgados com a notícia de que a srta. Hayes ia ter um filho.

“Ninguém mais?”, ele perguntou.

Então, todos olharam para o pai responsável que tinha aceitado acompanhar nossa turma — no caso, meu pai. Ele sempre ia junto nesses eventos, porque ele é motorista de táxi, então pode escolher o horário em que vai trabalhar.

Florida Kirby ficou cutucando meu pai: “Vai lá, senhor Digby. Vai lá. Meu pai iria se estivesse aqui. Ele é supercorajoso”. Ela meio que empurrou meu pai pela rampa. O cara nos colocou na jaula e amarrou os cintos de segurança. Lembro-me de ouvir meu pai perguntar: “Alguém já morreu nisto aqui?”.

E então o operador do brinquedo o encarou. “Não”, ele disse, “ninguém NUNCA morreu andando na minha máquina.”

“Só estou perguntando”, disse meu pai.

Então o sujeito fechou a porta da jaula, olhou-nos pelas grades e comentou: “Mas tem primeira vez para tudo”.

Se tivéssemos falado “Tire a gente daqui!”, não adiantaria nada, porque logo em seguida começou a tocar uma música incrivelmente alta, uma nuvem de gelo seco surgiu e as luzes começaram a piscar. Eles realmente gostavam de criar expectativa. Meu pai apertou minha mão e gritou: “Não tenha medo, Liam”. Antes que eu pudesse responder que não estava assustado, algo fez BANG e saímos voando em disparada. Dava uma sensação horrível de esmagamento, como se uma mão enorme estivesse te empurrando dentro de uma bola. Daí, lá no alto, a mão te solta e você se sente mais leve que o ar e nem um pouco assustado com nada, como se todo o medo tivesse sido arrancado de você. O segundo salto foi quase tão alto quanto o primeiro, mas não foi nem um pouco assustador. Ficamos ali, nós dois, gargalhando feito loucos enquanto esperávamos os elásticos pararem. Saltamos mais cinco vezes.

Quando saímos do brinquedo, eu estava com o corpo inteiro formigando e tudo ao meu redor parecia estar um pouco mais nítido. Tudo parecia mais claro.

Os garotos estavam próximos do marciano de madeira, gritando e comemorando. As meninas ainda estavam perto da srta. Hayes, perguntando sobre o bebê. Notei que estávamos lá há apenas dois minutos.

Florida Kirby gritou: “Você vai passar mal?”.

“Não.”

“Julie Johnson ficou enjoada no Trem Fantasma.”

Ela achava que, se me informasse disso, eu concordaria em ficar enjoado também, só para me encaixar melhor. Florida Kirby é obcecada por duas coisas — celebridades e passar mal. Se ela souber de uma celebridade que passou mal, está no paraíso.

Eu disse: “Isso. Foi. Demais. Podemos ir de novo?”.

Meu pai retrucou: “Comigo não, nem pensar”.

“Mas...”

“Liam, você acaba de passar por uma experiência única. E agora acabou.”

Então ele saiu para jogar Pescaria. Wayne Ogunsiji estava com ele e os dois entraram numa conversa profunda sobre a defesa do Liverpool. Meu pai disse que os zagueiros eram fracos. Wayne retrucou que eles eram bons, mas não sabiam passar direito. De vez em quando, eu via a jaula do Cósmico disparar para o alto, passando o nível dos outros brinquedos, girando e se retorcendo como uma lua lançada em um canhão, e parte de mim pensou: *Eu passei por isso*. E o resto de mim pensou: *Preciso fazer de novo*.

Quando chegou a hora de ir embora, a srta. Hayes nos encaminhou para a saída das turmas de colégio. Tentei dar uma última olhada no Cósmico.

Devo ter saído da fila, porque, quando fui atravessar o portão, o segurança disse: “Pode esperar um pouquinho aqui ao lado, senhor?”. Fiz isso e observei todos os alunos saírem.

Quando meu pai passou por mim, estava tão ocupado escalando o Liverpool mentalmente com Wayne Ogunsiji que nem me viu. Assim que ele saiu, o segurança fechou o portão e disse: “A saída principal é ali, camarada. Essa é apenas para as turmas”.

Ele achava que eu era um adulto!

As pessoas sempre acham que sou mais velho do que de fato sou, mas ninguém nunca tinha me confundido com um adulto antes. Eu poderia dizer: “Eu *sou* um aluno de escola. Por favor, me deixe sair”, ou eu poderia ficar quieto e aproveitar para andar outra vez no Cósmico. Então eu tinha duas opções, mas, de alguma forma, na minha cabeça, elas se resumiam a apenas uma.

Voltei direto para o Cósmico.

O operador me viu por ali e perguntou:

“Seu amigo não curtiu, então?”

“Meu amigo?” Percebi então que ele estava falando do meu pai.

“Sabe, você pode me fazer um favor, se quiser. Ajudar a preencher as lacunas.”

“Que lacunas?”

“Bem, gosto de manter o brinquedo sempre em movimento. Não parece muito legal se a jaula fica só parada aí. Muita gente desiste na última hora. Queria alguém que pudesse entrar de vez em quando.”

“Claro”, respondi com um tom de voz meio de adulto e fiquei ao lado da jaula.

Naquela tarde, andei no Cósmico com um garoto cuja mãe estava assustada demais para acompanhá-lo, um adolescente que estava tentando ganhar uma aposta, um sujeito cuja namorada era gorda demais para o assento, e outras quatro pessoas. Oito no total. O operador disse que eu devia ter um centro de gravidade muito desenvolvido. Eu sempre ficava com aquela sensação de Admirável Mundo Novo. O efeito nunca diminuía.

De acordo com o operador, o Cósmico gera 4g na subida. “Ou seja, quatro vezes a força gravitacional exercida pela Terra. É o suficiente para que você aprecie como a gravidade normal é confortável. Antes eu deixava a máquina regulada em cinco, mas as pessoas desmaiavam, e pega mal. Não tem como não sentir pena das pessoas que vivem em um planeta de alta gravidade o tempo todo. Deve ser dureza.”

Depois disso, o sujeito trouxe cachorro-quente e batatinhas, que comemos dentro da jaula, balançando suavemente, presos no elástico bem acima do resto do

parque. Dava para enxergar todos os brinquedos espalhados, como se fosse uma maquete de vilarejo, e às vezes uma gaivota passava por nós. Finalmente, vi meu pai correndo apressado, perto do Túnel do Terror. Gritei: “Táxi!!!! Táxi!!!!”. Sempre funcionava.

Ele olhou para tudo quanto era lugar, menos para cima. Demorou um tempão para pensar em erguer a cabeça.

Acho que se você está procurando por mim agora, pai, deve estar fazendo a mesma coisa. Olhando para todos os cantos, menos para cima, para o espaço. Foi divertido ver você fazer isso. Mas quando desci, você não estava achando nada divertido.

“Por onde andou? Contamos os alunos na saída. As pessoas juraram que tinham visto você no ônibus. Só na metade do caminho notamos que não estava conosco.”

“Eu fiquei aqui. O tempo todo. Não é verdade, senhor?”

“Isso aí”, disse o operador. “Qual é seu problema, amigo?”

“Não sou seu amigo. Sou o pai dele.”

“Você parece meio jovem para ser o pai dele.”

“Ele tem doze anos.”

“Quê?”

“Ele só é mais alto que o normal.”

“Não é a altura... É a barba.”

Essa foi a primeira vez que alguém mencionou os pelos precoces no meu rosto.

Meu pai só disse: “Liam. Ônibus”.

Todos comemoraram e bateram palmas quando entrei. Sentei na janela e tentei enxergar minha nova barba no reflexo da janela. Só consegui enxergar pequenos tufo que pareciam fiapos de algodão-doce marrom. Perguntei: “Como foram parar aí? Será que a gravidade fez com que saíssem dos meus poros?”.

Não sei por que, mas isso deixou meu pai furioso. “Liam — blá, blá — procuramos você por duas horas — blá, blá. Todos os taxistas da região estão te procurando. Tive que falar do seu sumiço mágico de um ônibus em movimento...”

“Eu não entrei no ônibus.”

“... para a polícia.”

“Não!”

“Aí encontro você todo alegre, comendo batata frita em um brinquedo do parque. Como acha que me senti?”

“Feliz por eu estar vivo?”

Ele me encarou e disse: “Talvez. Em algum canto longínquo e nobre do meu coração, sim. Mas, de modo geral, não”.

“Desculpe.”

Ele então respondeu: “Um rapaz do seu tamanho deveria saber das coisas”.



É assim que funcionam os pais. Se você desaparece, eles ficam preocupados e acham que pode estar morto. Quando encontram você, querem te matar.

Meu pai estava furioso porque, enquanto ele morria de preocupação, eu estava tranquilo. Mas por que não estaria? Eu sabia que ele iria me buscar. Nunca cogitei outra possibilidade. Quando você é criança, acha que seu pai consegue fazer qualquer coisa.

Agora, tudo está diferente. Se me perguntassem se eu acho que meu pai vai aparecer aqui no foguete, trezentos e vinte mil quilômetros acima da superfície da Terra, e nos levar de volta, eu diria que isso provavelmente não vai acontecer.

Acho que significa que não sou mais criança.